

A BATALHA



Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL

Sede provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiva, 42

Officinas: Rua da Atalaia, 114

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número avulso \$30

(AVENÇADO)

A ponta do veu

No número passado nós fizemos umas leves referências ao trabalho, verdadeiramente insólito, duma comissão que dá pelo nome de *inter-sindical*, por esta se atravessar na obra de reconstrução orgânica da C. S. T. e por convidar os sindicatos a enviar-lhe a cópia das respostas que estes houvessem por bem enviar àquela.

Mas o que é a C. I. S.? A que fim obedece? Quais são os seus objectivos?

São perguntas estas que todos os militantes fazem a si próprios, sem que para as mesmas encontrem lógica, necessária e plausível explicação.

Nota-se apenas da parte dessa tal comissão um trabalho capcioso, confusionalista, ardiloso no seio da organização dos trabalhadores.

A história dessa comissão diz tudo, na singeleza da sua gestação.

Como nasceu essa comissão?

Em certo momento a C. S. T. de Lisboa, por razões que não veem para o caso, não funcionava normalmente. Mas sentindo que não cessavam os motivos de geral interesse do proletariado local, acordou com os sindicatos que a constituem na conveniência de qualquer deles realizar convocações das direcções para sessões magnas, sempre que surgisse assunto que tal originasse.

E surgiu a questão do horário de trabalho. De acordo, pois, com as indicações da C. S. T., a Associação dos Empregados do Comércio e Indústria convocou as direcções dos sindicatos de Lisboa, para estas em comum deliberarem sobre o caminho a seguir. Nesta reunião discutiu-se, surgiu documento, etc., mas... chegado a hora regulamentar, nada se concluiu.

Mas, se nada se concluiu de prático, no sentido de ser tomada uma resolução definitiva sobre o assunto em debate, natural seria que outra ou mais reuniões se efectuassem e que estas fossem convocadas pelo organismo promotor.

Mas, não—e surgiu o ardil. Os delegados do Sindicato do Arsenal da Marinha acharam asado o momento de pôrem em prática as «novas tácticas», que estavam dentro das *palavras de ordem*, providas—já toda a gente sabe de onde...—e, saltando por cima de todos os deveres de cortesia, lealdade e consideração para com o primeiro organismo convocante, convocam eles nova reunião e é nesta que fazem votar a celeberrima Comissão Inter-Sindical.

Esta comissão é, pois, filha do ardil. Sendo filha dum ardil, como ardil continua subsistindo.

Nós queremos dar de barato que essa comissão se organizasse para o

fim que determinou a convocação dos sindicatos de Lisboa—o problema do horário de trabalho. Esta comissão, porém, não podia senão ter um carácter transitório. Ela funcionaria, enquanto não pudesse funcionar a Câmara Sindical do Trabalho, visto que é o único organismo votado e reconhecido nos congressos e é ainda o único que pode representar o proletariado organizado de Lisboa em todas as suas questões de ordem geral para a localidade. Uma vez, pois, que a C. S. T. funcionava a Comissão Inter-Sindical terminava a sua função.

Porque não terminou? Não terminou, porque não era esse o intuito dos seus gestores. Há muito que se vem premeditando um assalto à organização sindical portuguesa. Vários têm sido os processos e aquele foi mais um.

A comissão em referência destinava-se, inicialmente, a actuar só em Lisboa, sobrepondo-se, mesmo assim ao respectivo organismo local. Mas era pouco. O seu objectivo era mais vasto. Os seus organizadores, cumprindo fielmente ordens recebidas, têm tentado levar os seus tentáculos à província, como sucedeu em Vila Real de Santo António, onde apareceu a manobrar um simples estudante. Delegados seus têm ido a reuniões da província apregoar os seus elixires e levar o veneno da discórdia.

Pensaram, primeiro, em criar uma nova Central de que a tal comissão seria a célula inicial. Depois alteraram a «nova táctica». Pensaram em que bastaria uma certa tenacidade no trabalho de sapa para fazer virar tudo dos pés para a cabeça. Quem os não conheça, e desconheça também a proveniência dos seus maneios, é possível que os leve a sério. Nós, não.

O facto de um ou outro sindicato manifestar tal ou qual simpatia por qualquer dos três ou quatro homens que manobram nessa comissão, não pode servir de bússola para nos orientar. São também «simpatias» transitórias, que cessariam no dia em que esses indivíduos tivessem ocasião de dar corpo a uma acção que não fôsse composta só de palavras e que estas não envolvessem outros tantos ardis.

E conste que falamos assim, que não damos os nomes aos santos, tornando mais claros os nossos dizeres, porque o momento não é propício e nós não queremos ser classificados do que não somos.

Mas devíamos, pelo menos, levantar a ponta do veu, porque pretendemos que não se estranhe de futuro a nossa atitude, ou mesmo a atitude dos organismos centrais do proletariado português, de que somos porta-voz, quando aqueles se recusarem a colaborar com agrupações ardilosas,

ANTES E DEPOIS

Como eles são todos...

A páginas 74 da tradução portuguesa do livro de John Reed, «Dez dias que abalaram o mundo»,—livro recomendado por Lé-nine aos trabalhadores de todos os países—lê-se a seguinte explicação dada por Karakan, membro do Comité Central bolchevista, sobre a forma do novo governo:

«Uma organização flexível (todo o sublinhado é nosso), obedecendo à vontade popular, tal como a expressem os Sovietes, e deixando pulso livre às forças locais. Actualmente o governo provisório dificulta a acção das *vontades democráticas locais*, absolutamente da mesma forma que o regime tsarista. A iniciativa da nova sociedade virá de baixo. A forma do governo modelar-se-há pela constituição do partido social-democrata russo. O novo Tsik responsável perante as frequentes assembleias dos Congressos Pan-russos dos Sovietes, será o parlamento; à frente dos ministérios, em vez de ministros, haverá comités directamente responsáveis perante os Sovietes».

Isto era dito nos dias que antecederam a revolução de Outubro de 1917, mas depois de se apanharem senhores do poder, os bolchevistas, como toda a gente sabe, em vez duma organização flexível, criaram um sistema de *férrea* opressão, impondo a sua vontade à das massas populares, abafando as iniciativas vindas de baixo, e centralizando todo o poder nas suas mãos, estrangulando assim as acções locais, «absolutamente da mesma forma que o regime tsarista». Não puzeram à frente dos ministérios conforme tinham prometido, «comités directamente responsáveis perante os Sovietes», mas sim ministros, rotulados com o nome de comissários do povo, e com poderes mais discrecionários ainda do que os que aqueles tinham, e a cuja cabeça subiu de tal forma a paixão cesarista, que esqueceram a acção revolucionária das massas operárias, camponeses e dos soldados, e passaram a intitular-se os «homens que fizeram a revolução russa», como se esta pudesse ser obra de meia dúzia de déspotas por mais inteligentes, enérgicos e activos que estes fossem.

Estranguladores, e não autores é que eles foram, como se vê pelas declarações de Karakan, depois cinicamente renegadas e esquecidas.

Mas, quando chamamos a atenção das massas trabalhadoras para estas traições revoltantes, ainda há quem nos chame contra-revolucionários e agentes do capitalismo!

E o que serão então os que procuram esconder estes factos do proletariado, para que ele continue a deixar-se ludibriar por todos os aventureiros ansiosos do poder?

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

cuja razão de existencia não é nenhuma e que há muito deveriam ter cessado.

Os organismos existentes teem a força moral dos seus congressos e reúnem todas as condições indispensáveis para toda a obra que ao proletariado pode interessar. E esses organismos ainda não encerraram as portas a quem quer que seja.

E fiquemo-nos por aqui...

CRÓNICA

Música e Casacas

O sr. Rui Coelho—tambor-mor e, ao mesmo tempo, chefe agalado do movimento «pró ópera portuguesa cantada por portugueses e para o povo português»—a propósito de uma crítica que fez ao primeiro concerto realizado por Tito Schipa, lastimava-se de «que o teatro S. Carlos não estivesse aberto para receber condignamente este cantor; para o receber como desejaria a «élite» e o merecia tão ilustre artista: em grande «toilette»—aquela que foi sempre uso em grandes noites».

Confessamos que, quando começámos a ler este bocadinho no jornal onde a crítica foi feita, supúnhamos que o seu autor ia lamentar os concertos não poderem ser dados numa casa grande, onde a população que ganha precariamente pudesse assistir sem grande sacrifício da sua bolsa. Mas vimos logo que nos tínhamos enganado—travava-se de uma questão de casacas. E por isto nós vemos também, graças a tão aristocrático lamento, que o tal rufar constante para que se lhes entregue o teatro já citado e nele se executem peças musicais que eduquem o povo—que diga-se de passagem, tão abandonado é de tudo quanto se refere a cultura e educação—o tal rufar dizíamos, é pura balela se não é autentica poeira.

Então a arte tem uma influência poderosíssima na educação do povo, e o sr. Rui Coelho quer que os artistas sejam recebidos de casaca? Acaso julga que o povo usa casaca? Ou não considera povo... tal como aqueles trabalhadores que, na construção dos prédios, levam às costas os matãoes lá para o quarto ou quinto andar? Pois não. E tão indispensáveis cá na terra como o maestro Rui Coelho. Se não fôsem eles e os seus outros camaradas, onde representaria este maestro as suas óperas? Bem vistas as coisas chegam a ser colaboradores. Mas esteja descansado, maestro, que lhe não vão pedir os direitos de co-autores. Infelizmente contentam-se com pouco. Quaisquer doze escudos, atirados ao sábado como quem atira com uma bucha dura a um cão já velho e inútil, os satisfazem. E, como bem se vê, doze escudos não dão para comprar casaco, quanto mais para comprar casaca.

Um povo que se educa musicalmente com os fados da amargura, da miséria, da desgraça, tem dito o sr. Rui Coelho, é um povo que se degrada. Mas que quer, se é o que lhe dão por mais baixo preço? Basta entrar numa taberna e beber dois. Sim nós também estamos de acordo. Esses fados apenas geram indivíduos amargurados, miseráveis, desgraçados, e por isso também desejamos a arte sem mácula, uma arte humana e verdadeira, para o povo, o autêntico, o que trabalha, mas sem a necessidade de vestir uma casaca para ouvir uma partitura de Wagner ou de Rui Coelho. Mas que essa arte seja o mais barata possível, já que por enquanto não pode ser de graça.

Nós bem sabemos, por muitíssimos exemplos, que algumas pessoas—tantas!—se servem da palavra povo, apenas para arredondar alguma frase, ou então para reforçar a sua argumentação. Desde que se disse que o povo é a criança eterna... Mas esta criança já hoje tem caprichos. Já pede coisas que noutros tempos nem se atreveria a pronunciar-lhes os nomes. Quere arte, quere cultura... E a isso tem incontestável direito. Mas sem a obrigação de vestir casaca, porque não a tem e os alfaiates não fiam. Quere arte, quere cultura, mas sem favor, que é como ele faz aos artistas e aos sábios—dá-lhes, sem favor o pão que amassa com o suor do seu rosto, e as outras

(Continúa na 3.ª página)

UMA IDEIA EM MARCHA

Universidade Operária

No número 10 deste nosso jornal, M. O., que alvitrou a ideia da Universidade Operária, explica, em vistas dum artigo meu anterior, em que consiste a Universidade Operária, que se destaca, diz, de Federação de Escolas, que alvitrei.

Cumprir-me dizer mais alguma coisa sobre o assunto, para que a importuna ideia de imaginária discordância não se introduza no espírito dos leitores, obscurecendo a questão.

A Universidade Operária constitui uma grandiosa ideia que a actual geração operária deve realizar, a par das outras missões que lhe estão indicadas, para bem merecer no conceito das gerações futuras, as quais serão mais ou menos perfeitas conforme for a nossa obra actual. A minha divergência para com M. O. reside apenas no título da grande obra. M. O. chama Universidade Popular à secção de ensino especial e superior, para os operários já instruídos elementarmente. E esta Universidade Operária fazia parte da Federação de Ensino operário-popular, como seu lógico coroamento.

Eu, por meu lado, aplaudindo o alvitro de M. O., apoderei-me ilicitamente do título especial duma secção, para com ele denominar a grande Federação do Ensino.

Filho, porém, porque caprichei em tomar à letra a palavra Universidade, que para mim não é só o conjunto de estudos superiores e finais, mas a conjugação de todos os estudos, de muitos estudos, tendendo a um objectivo comum. Nas universidades burguesas este objectivo comum é o de formar doutorados, a elite da nação. No nosso caso será o de formar capacidades orientadoras, revolucionárias no verdadeiro sentido, isto é, realizadoras dos problemas que o futuro vai apresentando, para a emancipação da classe operária. Mas como não desejarmos formar elites privilegiadas é preciso canalizar todo o ensino para o mesmo objectivo comum, resolvendo a questão da possibilidade para todos os operários. E só se conseguirá fazer uma Universidade Operária profícua dentro duma Federação do Ensino, baseada dentro do mesmo pensamento de Universidade Operária. Eis a razão porque denominei tudo com este nome. Além disto, entendo que para a Federação de Ensino, não basta a simples e taxativa ligação de todas as escolas e cursos que existem; mas fazer essa Federação, sujeitando-se os federados a uma remodelação completa que os integra no objectivo grandioso que terá por cúpula a Universidade Operária.

Assim, não é só a Universidade Operária que não existe; são igualmente os benefícios, que as inumeráveis escolas existentes dariam uma Federação, que não existem.

A obra, quanto a mim, é uma só, embora por algum lado se tenha de começar. E porque não começar simultaneamente uma e outra: Universidade e Federação? A Federação iria crescendo, arranjando futuros frequentadores da U. O. e esta iria desde já formando os futuros impulsionadores da Federação. São dois problemas, embora, mas que, exactamente por isso não se podem emaranhar na execução. Escrevo estas palavras levado pelo meu entusiasmo, levado pelo desejo de não ser um ouvido de mercador como há muitos, por cuja maldita surdez muitos alvitres morrem.

Estou já admirado do silêncio em que mergulha o alvitro de M. O. O que pensam os organismos operários? O que pensam os centros educativos? E os militantes? E os camaradas que têm vindo dando o seu nobre esforço em obras de instrução, como a Universidade Popular Portuguesa, Livre, Escola Oficina, etc?

F. O.

Posições opostas

A burguesia capitalista ataca o governo bolchevista, embora com ele faça tratados (Itália, Alemanha, etc.), porque supõe, ou convém fingi-lo, que aquele governo tentou, ou ainda pretende, realizar o programa de revolução de Outubro de 1917—resumido nas seguintes palavras: «Pão, terra e liberdade». Os libertários atacam o governo bolchevista, porque tem provas, colhidas na própria imprensa governamental russa, de que ele traiu criminosamente o programa daquela revolução.

São pois duas posições perfeitamente antagónicas, que só velhacos e malvados podem conscientemente confundir.

«Que os anarquistas são uns lunáticos, uns visionários, uns ineptos; que levam uma vida inteira a palrar, sem que apareçam quaisquer factos palpáveis que derrotem a sua actividade revolucionária, que, conscientes da sua ineficácia, dos seus métodos, guerream, todavia, os práticos, os que pretendem transformar o mundo *a la minute*: — tais são, em síntese, outros tantos argumentos *irrefutáveis*, empregados pelos bolchevistas, ao pretenderem inutilizar os anarquistas e a sua actividade na organização operária.

Dando de barato que assim suceda, o que eles não podem — nem a tal se atrevem — é negar a excelência das doutrinas anarquistas e contestar a pureza e harmonia que os seus objectivos encerram. Porisso alguns, e não poucos — os mais descarados, bem entendido — têm, por vezes, a desfaçatez de nos afirmarem que estão plenamente de acordo com a existência duma sociedade libertária, mas que não encontram possibilidades de a atingir sem que antes a tome como ponte de passagem: — a ditadura do proletariado.

Supunhamos, também, que tal sociedade é impraticável, sem que previamente nos sujeitemos à respectiva transição marxista e vejamos, por exemplo, o que sucederia em Portugal, quando após o triunfo da Grande Revolução, estivessemos recebendo as carícias do chamado Estado Proletário.

Muito naturalmente, após a sua instalação no Krelim Português — o Terreiro do Paço, por exemplo — surgiria a necessidade inadiável de se organizar uma teia burocrática — mais ou menos complicada e imprescindível em qualquer estado — que, sentindo elevar-se gradualmente acima da multidão anónima, procuraria por todos os meios ao seu alcance contribuir para a estabilização do mesmo estado, seu patrão e protector.

Por outro lado, surgiria também o *camarada* general que, com o respectivo séquito de *camaradas* oficiais — estaria sempre pronto para, nos momentos críticos, apoiar e defender à *outrance*, a existência do *camarada* Presidente da República e dos *camaradas* ministros, digo, comissários do Povo, que, por sua vez, não consentiriam em desaposar-se voluntariamente dos altos cargos de que se achavam investidos, e que, com tanto sacrifício, haviam sido conquistados... pelos outros.

NA RÚSSIA

Correspondência dos exilados

Quero agradecer-vos o dinheiro que me enviastes. E' um duplo auxílio, porque o pensamento dos amigos faz-nos esquecer a distância e a solidão. Estou inteiramente só neste logarejo — não havendo outros exilados aqui. Os indígenas são pouco civilizados, encontrando-se num nível muito baixo da evolução.

Não há literalmente ninguém com quem se possa conversar.

Tudo rodeado de bosques primitivos, espessos e impenetráveis. Não sem receio vou eu à floresta para colher algumas bagas comestíveis.

Não é por simples prazer, mas por necessidade. Os frutos não se dão aqui.

A minha saúde é assim e assim. O ano passado julguei que poderia sobreviver ao meu tempo de exílio; mas agora espero poder. Durante as últimas semanas tive só uma vez hemoptises, e estas relativas melhoras trazem-me muito cheio de esperanças. Agora tudo depende do «centro».

Admiro-me que ordenou uma «mudança de clima». Ainda nada disseram acerca do que me espera no fim deste exílio! Permissão para viver nalgum lugar designado ou novo exílio?... A nossa sorte está nas mãos dos «todos poderosos».

DEFESA DAS IDEIAS

O Ideal Anarquista e o Marxismo

Culpas que a nós não cabem, se bem que no-las atribuam

Resultaria, pois, que o Povo, o eterno bode expiatório, a massa ignara, sacrificada e vilipendiada, continuaria a ser objecto da mais tirânica opressão, para que todos estes camaradas se pudessem manter nas suas elevadas posições. Se porventura ousasse elevar a sua voz contra um tal estado de coisas, seria irremissivelmente metralhada pelos chamados exércitos proletários.

Claro está que os anarquistas, coerentes, fieis à sua maneira de pensar, continuavam sem cessar a fazer a máxima propaganda das suas ideias e cada vez esclareciam mais a mentalidade do povo para que este, em tempos talvez não muito distantes, pudesse viver sem a existência perniciosa do Estado vermelhusco.

Os novos ditadores não se preocupariam grandemente com a propaganda *subversiva*, porque, firmes no seu critério, continuavam a considerar os anarquistas uns lunáticos ou visionários inofensivos e, por conseguinte, descreiam em absoluto da viabilidade das suas ideias. Mas eis que surge numa das províncias — o Minho, por exemplo — a primeira tentativa para estabelecer a sociedade em bases comunistas puramente libertárias. O Povo, o grilheta triste e aparentemente inofensivo, conseguira, afinal, num arranço desesperado, romper as fortes cadeias que o acorrentavam, e arremessar para bem longe os sabujos estadoais que, ganando dorida mente se foram acolher às pernas protectoras do *paísinho* governo, sempre disposto a acarinhá-los quem o servia *desinteressadamente*.

Mas, não cessa a actividade do povo revolucionário. Os tais lunáticos e inofensivos anarquistas, após terem fortalecido as bases da nova sociedade libertária, aprestam-se para a defesa desta e quando em dado momento os exércitos contra-revolucionários acumulados na Gafiza pela frente única da Burguesia, se preparavam para dar o golpe mortal nas instituições bolchevistas, eis que lhes surgem pela frente os tais anarquistas que, apesar de preconizarem — no dizer dos seus adversários negros ou vermelhos — a desorganização, o caos, a desordem, conseguem mantê-los em respeito, pelo menos até à chegada do exército soviético.

Dá-se o embate, prolonga-se a luta e o gabinete *proletário* que dispõe do país, ainda mal refeito da surpresa que lhe causava a tentativa libertária, resolve por fim enviar

as suas tropas vermelhas ao encontro dos exércitos contra-revolucionários. Mas — pasmai, oh gentes! — qual não é o espanto dos heroicos camponeses revolucionários — em luta contra o formidável exército burguês — quando se sentem espingardeados pelas costas por aqueles que lhes deviam o maior e mais incondicional apoio.

Como facilmente se supõe, estes autênticos heróis, estes verdadeiros proletários, cujo único crime consistia em não consentirem que meia dúzia de sclerados lhes arrancassem a pele, ao verem-se entre dois fogos tiveram que fugir não sem que primeiro deixassem o solo juncado de cadáveres dos que tam generosa e desinteressadamente se haviam batido pela verdadeira liberdade.

Que grande triunfo, que incomensurável vitória, esta que alcançaram os *exércitos* bolchevistas.

Mas era preciso encontrar novas vítimas não só porque é insaciável a sede de sangue dos ditadores soviéticos, mas também porque podia ser *bem dura* a lição do Minho. E' preciso, pois, evitar uma *répense*, porque pode a mesma pôr em perigo a digestão dos detentores do estado *comunista*. Por esse motivo, a G. P. U. — corpo de esbirros criado pelo estado proletário — prende e deporta diariamente um sem número de militantes anarquistas sinceros e convictos, aos quais acusa depois — sem provas, é claro — de espionagem contra-revolucionária.

* * *

Repetimos: — os factos apontados podem desenrolar-se em Portugal ou em qualquer outro país pela simples razão de que já tiveram o seu início na Rússia Soviética, na qual continuam e continuarão a eclodir enquanto existirem os estados — negros, amarelos ou vermelhos — diferentes no rótulo, mas idênticos nos meios repressivos por que fazem sentir a sua acção.

E os anarquistas *lunáticos, visionários e ineptos* prosseguirão na sua luta não só para impedirem que tais crimes se pratiquem, mas também para demonstrar a sua existência a alguns ignorantes que, movidos na sombra por elementos menos dignos, só sabem fazer barulho nas assembleias e gritar aos quatro ventos que os libertários nada fizeram, nada fazem e nada farão.

Raúl Elias Adão

EM BENAVIDA

Os Rurais pensam reorganizar o seu Sindicato

Volta a reinar o entusiasmo, entre os trabalhadores desta localidade, pela reorganização do seu sindicato.

Sempre alimentamos a esperança de que os rurais de Benavila, depois dum período de sonolência e desilusões, voltariam de novo a interessar-se pela sua organização, única forma de fazerem valer os seus direitos: a vida e a liberdade.

Rejubilamos ao assistir a um novo alvorecer das energias que alguns julgavam mortas, e sentimos-nos mais fortes para continuarmos a obra encetada, ao vermos que não foi em vão que lançamos à terra, a semente da emancipação humana.

Embora um pouco tarde os rurais de Benavila ainda acordaram a tempo, para impedirem a voragem, desenfreada dos lavradores que mais do que nunca, estão agora empenhados em os reduzir à condição de escravos.

Que todos venham animados de boas intenções, (o que não duvidamos) pois que será isso a garantia dum bom êxito.

Le Minute.

.....
Lêr e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

AS CLASSES

Há vinte e três séculos, Aristóteles, na sua «Política», dizia-nos já: «Ricos em pequeno número, pobres em abundância, eis dois elementos fortemente opostos que dividem o Estado». Afirmava mais: «Toda a sociedade política divide-se em três classes: os ricos, os pobres e a classe média» e fazia também esta observação: «Vêde o homem activo da sua beleza, das suas forças, do seu nascimento, ou das suas riquezas; vêde o pobre acabrunhado pela miséria, a falta de meios e a humilhação; ambos são muitas vezes surdos à voz da razão». Por outras palavras, são levados a combater-se entre si.

Para Aristóteles, a desigualdade das fortunas é a causa da instabilidade dos regimes e a origem de todas as revoluções.

Em toda a sua exposição, faz mais duma vez aplicação do princípio classe contra classe.

A luta das classes não é pois uma descoberta científica de Marx, mas simplesmente uma verificação feita em todos os tempos pelos observadores do movimento político, económico e social.

Os negócios são negócios

Capitalistas da Suíça e agentes de Moscova injuriam-se furiosamente nos seus respectivos órgãos. Mas, segundo lemos na própria imprensa suíça, entre si têm eles concluído um conjunto de excelentes negócios.

PONTAS DE FOGO

As chamas do eterno incêndio

Os tempos, como as sociedades, as nações, as raças, as artes, as letras, a política e o bicho-homem, têm a sua característica dominante, de diversíssima maneira apreciada e determinada. A divergência de critério analítico-determinativo da característica mais proeminente das coisas e dos homens, vamos encontrá-la na diversidade de credos religiosos, políticos ou filosóficos e de interesses individuais e colectivos, de ordem vária. Essas causas, cada uma de per si ou associadas, elaboram um formidável mostruário de conclusões, separadas umas das outras por verdadeiros abismos — embora todas pretendam ter saído do ventre da Lógica.

Esse fenómeno, que à mais precária inteligência se documenta e patenteia, não é dos espectáculos menos curiosos e desinteressantes a que assistem os espectadores a quem, nas suas investigações nos domínios científicos, só a verdade experimental e convincente interessa.

Mas em que fundamentar, solidamente, a razão de ser da diferença de julgamento?

Esta pergunta dir-se-ia feita por quem vem dum outro mundo, onde a moral, a justiça, a cultura e o instinto formam uma civilização diferente, toda paz, harmonia e beleza e onde uma só lógica é o dinamismo do critério analítico ao serviço dum só interesse humano e sociológico — mundo onde não há o absurdo, onde não impera o direito da Força, onde não há memória do patrão Estado, onde parece não ter existido nunca o carrasco Capital, e onde a cultura de espírito se opera na realidade dos campos físico e químico, formidando laboratórios donde brotam os conhecimentos que às sociedades humanas interessam.

Pretendemos que o conceito dum indivíduo corresponda ao de todos e que o julgamento de todos esteja em perfeita harmonia com o dum?

Exato. Acrescentaremos que não deixamos de admitir a superioridade científica, à qual compete conceber, julgar e determinar exumando as suas conclusões das leis físico-químicas, psíquico-biológicas, morais e sociológicas, ou sejam as que mais interessam à vida do ser animal, que Deus deixou pecar para ter o brutal prazer e exercer a cruel e eterna vingança de o obrigar, sem apêlo, a sofrer, sofrer...

A superioridade em capacidade científica, chega a divergir mesmo no que constitui interesse vital para a vida, com ampla liberdade desenvolvida em todas as suas variadas manifestações. Essa divergência filia-se no interesse de muita mentalidade se colocar ao serviço dum egoísmo desmedido, e, fora do campo científico, notamos que a par de idêntico interesse, se levanta o sinistro espectro da ignorância, a mais explorada e mais poderosa força de que dispõe, para se manter, o criminoso convencionalismo social.

Com os olhos da cara e os do espírito vendados, milhões de indivíduos se arrastam miseravelmente sob o estúpido fardo da sua desdita até ao distante calvário dum martírio atroz — legião de cegos, mudos, surdos, adinâmicos, parvos e paralíticos, para cuja cura uma só terapêutica eficaz conhecemos: instrução, luz, muita luz.

E só depois teríamos que do conceito sobre o homem-estado, sobre a moral e o direito da força, sobre a justiça e os códigos, sobre a política e as religiões, e sobre tudo que à emancipação humana e a tudo que à vida livre interessasse, resultaria um julgamento, em que não divergissem a hermenêutica da única lei: igual interesse pela Verdade e pela Vida. Até lá o mundo continuará ardendo devorado pelas chamas do eterno incêndio da luta encarnizada que nos cumpre alimentar até ao triunfo!

C. S.

Lêr e propagar "A Batalha" é o dever de todos os trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES ÁCERCA DAS PERNICIOSAS SOCIEDADES DE RECREIO

São frequentes os artigos em que se verbera a existência dos prostíbulos e das tabernas, anatemizando-os, com todo o rigor, por agentes da consumpção dos povos. Taberna e prostíbulo são, para os espíritos simplistas, as únicas flagelos da Humanidade, as únicas mazelas tumulosas cujos carnicões se pretende esvurmar. Todavia, outras há em estado de igual supuração que, possivelmente por incúria, têm escapado à serena e fria acção do escalpelo da crítica.

Procuraremos preencher parte da lacuna, mostrando ao operariado, e em especial ao seu elenco feminino, qual o índice de corrupção dessas ante-câmaras de alcoice que são as Sociedades de Recreio, e como elas contribuem para o aniquilamento do sentido emancipador.

* * *

A criação das Sociedades de Recreio, desde que obedecessem a certas imprescindíveis condições de higiene, teria visado um fim interessante e útil, qual fosse o de estabelecer um afectuoso e fraterno convívio entre os seus associados, originando uma valiosa noção de sociabilidade com a qual muito haveria a lucrar. Parece, porém, que nunca foi bem compreendida a acção que essas associações de recreio e instrução popular poderiam, embora contingentemente, exercer nas falanges do proletariado e o certo é que, desvirtuada e tal como a temos cuidadosamente observado, ela é a mais corrupta e daninha, limitando-se quasi que exclusivamente a facultar aos seus sócios um maior ou menor número de «matinées» e de «soirées» dançantes e admitindo em seu seio toda a casta de prevertidos, ignorantes em absoluto do respeito que devem ao próximo e a si próprios.

E assim, as Sociedades de Recreio podem considerar-se, primeiro, como perigosos focos de doenças físicas e, em calamitosa proporção, da terrível tuberculose, dado o esgotamento que sobreveem a tantas noites perdidas num espinotear constante, e os desarranjos orgânicos que derivam do uso excessivo do alcool, pois que o «buffette» faz parte integrante de qualquer sociedade de recreio, sendo de bom tom frequentá-lo com assiduidade. Por isso, se fosse feita uma estatística de doentes e incapazes saídos de tais sociedades ela seria assustadora e, só por si, justificaria o nosso rebate.

Há que encarar-las ainda como factores de corrupção moral, e sob este aspecto afiguram-se-nos que não é menos de temer a sua acção nefasta, porque, constituindo verdadeiras escolas de vício, essas casas destroem nos seus frequentadores todo o senso genésico, não raro os atirando para a sordície das taras sexuais, pela prática de actos do maior antagonismo com as leis da natureza e, sobretudo, pela sistemática preparação de semi-virgens, que em parte alguma poderiam ser melhor iniciadas.

Nós não pretendemos explicar a razão porque as Sociedades de Recreio são deste modo desmoralizadoras (Note-se que não citamos esta ou aquela: atacamo-las a todos, na sua acção conjunta). Afirmamos que o são e parece-nos que a isso não será estranho um acentuado erotismo, gerado naturalmente por uma ambiência devassa em que há corpos juvenis e ávidos de amor, a tocarem-se libibonamente na prévia certeza da impossibilidade de posse, proibida por uma

civilização em que a mulher é, sexualmente, escrava.

O pior é que essas taras sexuais de que falámos não afectam apenas individualidades. Os seus danosos efeitos estendem-se até à colectividade e constituem um perigo social de penosas consequências futuras. Nós precisamos de ter homens fortes, corporal e intelectualmente, num dia que não virá longe. Mas como poderão os homens de amanhã satisfazer este indispensável requisito se a evolução que lhes dará o ser é já, desde o ventre materno, portadora do vírus degenerativo — estigma da devassidão dos pais?

Porém, e à parte estes prejuízos morais e físicos para os clubistas e sua descendência, a questão reveste, de momento, capital importância se atendermos a que as Sociedades de Recreio roubam à causa da regeneração humana e da defesa imediata dos interesses proletários um valioso número de trabalhadores, e aqui referimo-nos especialmente às mulheres. E' que, salvo raríssimas excepções, as afeccionadas das danças, tendo que ganhar o sustento diário, são *ipso facto* vítimas da organização plutocrática, sem que conheçam, contudo, como as suas camaradas do estrangeiro se organizam para fazerem valer os seus direitos de seres pensantes. Deixam-se arrastar pela rede de um narcisismo tórpe, petulante e calculista, constantemente lançada à sua sensibilidade sexual e às suas tendências de afectividade sã, e como não estão, nem poderiam estar, coraçoadas contra semelhantes arremetidas, tomam por sinceros os protestos amorosos dos sedutores e, acabando por ceder aos seus lúbricos convites, vêm a breve trecho engrossar as fileiras do meretrício, tornando-se não só inúteis mas até prejudiciais à nossa obra reconstrutiva.

* * *

Entanto, fóra das lóbregas Sociedades de Recreio vai um marulhar ruidoso e incessante de idéas agitadas, de reivindicações conseguidas aqui e ali, de uma propaganda que tem por fim ensinar ao homem, os Direitos do Homem e a este os seus deveres para com a Espécie; que tem, por fim, fazer desaparecer senhores e escravos. Aos esforços titânicos de todos nós responde, apesar de tudo, a inacção de tantos camaradas, numa apatia criminosa em que não têm o direito de manter-se.

Porque não vêm até às suas associações

Homero Sampaio

CRÓNICA

(Continuação da 1.ª página)

coisas que fabrica, sujeito a ser triturado pela máquina com que trabalha.

E hoje ainda o povo se limita a querer. O pior será se ele chega a fazer como aquele personagem do diálogo do sr. dr. Júlio Dantas, que diante da recusa do médico em lhe operar a mulher naquele instante, recusa que podia provocar a morte da enferma, o obriga, de pistola em punho, a cumprir a sua missão. Será pior, não duvido, se ele fizer como esse marido que, quando o médico lhe disse não se responsabilizar pelo resultado da operação, pois ia fazê-la debaixo de uma ameaça de morte — lhe respondeu sêcamente: «Eu não me responsabilizo pela sua vida». Sim, então será muito pior.

António Vitorino

Lêde a «Solidariedade Obrera».

DE OEIRAS

E' exigido o cumprimento do actual horário de trabalho

Da Associação de Classe dos Empregados do Comércio e Indústria de Oeiras, recebemos o seguinte comunicado:

Conforme pedido desta Associação ao Administrador do Conselho de Oeiras, de 30 de Outubro último, e em seu despacho de 15 do corrente resolveu que todo o comércio encerrasse às 20 horas, em todas as freguesias do concelho nos meses de inverno, e às 21 nos meses de verão.

Foi concedida meia hora de tolerância para que os empregados possam fazer as suas arrumações, não sendo permitido depois daquela hora qualquer trabalho dentro dos mesmos estabelecimentos.

Aos sábados o encerramento de inverno far-se-há às 22, e de verão às 23 horas.

Os pescadores e a sua situação

As suas reclamações

IV

As reclamações dos pescadores, como se verificou no artigo anterior, nada têm de exagerado. Antes pelo contrário, ainda que elas fossem atendidas completamente, como era da mais elementar justiça, a sua miserável situação apenas era aliviada um pouco do seu estado agudo. Porém, já assim o não compreendem os armadores e por isso, apesar das delícias empregadas, continuam dando a mais formal negativa, esperando que este estado de coisas se mantenha indefinidamente. É vulgar ouvi-los falar em estímulo. Pois é assim que o compreendem.

Há anos que a situação económica dos pescadores vem sofrendo bastantes alterações para pior. Todas as coisas necessárias à vida aumentam de preço. O género com que eles trabalham — o peixe — não é dos que aumentou menos. A par disso, os armadores, sempre que puderam, empregaram e empregam vários processos para diminuir ainda mais os seus fracos proventos. Cansados de tanta exploração, extenuados por tanta miséria em troca de uma vida inteira de sacrifícios, num trabalho exercido nas mais penosas condições, os pescadores reclamam algumas medidas tendentes a melhorar um pouco esse estado de coisas. E o que se verifica? O mais completo silêncio me volta dessas reclamações. E não só elas não são atendidas, como até mesmo as con-

UMA FASE DA LUTA

O proletariado deve cuidar da sua instrução

Quanto maior for o grau de instrução que o operário possui, tanto mais elevada será a sua excelência e dignificação, em prol da sociedade que não lhe restringe, como actualmente, os direitos e as regalias a que incontestavelmente tem direito.

Se repararmos nos países mais adiantados, e indagarmos da causa do seu progresso, veremos, claramente, que o seu adiantamento é devido ao carinho e ao dispendio com que nêles se cuida da instrução.

É sabido que o atrezo estacionário do nosso país se deve essencialmente à numerosa percentagem de analfabetos.

Mais casos idênticos, se poderíamos citar, para demonstrar ao trabalhador, que a sua emancipação só será um facto, quando se persuadir que é necessária uma sólida e cuidada instrução, para caminhar vitoriosamente no campo onde conquistará a sua libertação integral.

Na sua marcha incessante, o tempo renova constantemente as gerações, tornando-as aptas a desempenhar as funções compatíveis com a periferia ou deficiente cultura da sua época.

Orá, quando a massa trabalhadora possui o aperfeiçoamento necessário que lhe permita compreender que é ela quem indirectamente superintende nas diversas fases económicas dos países, e quem mais concorre para o progresso das nações, certamente, não se absterá de proclamar a sua completa independência, porque já possuirá elementos concretos, com os quais poderá discutir renhidamente, tirando sempre partido favorável, que lhe dará atenção, para demonstrar aos capitalistas, que se pode viver num regime de relativa igualdade.

E, podemos nós classificar estes factos como justos?

Não, porque isto é uma vilania inconcebível, a que todos os trabalhadores devem pôr cõbo, pugnando intrinsecamente para a aniquilar.

Cuidai, pois, proletários, da vossa instrução, porque, procedendo assim, dais prova evidentes duma inteligência apurada.

A. F. Faria

dições em que estabeleceram os contratos de matrícula, na maioria dos casos, também não são fielmente cumpridas.

Quando os armadores se dignam responder — o que nem sempre sucede — e recusam, alegam para isso que as condições da indústria lhes não permite a criação de novos encargos. O argumento já não é novo. Sempre assim sucedeu. Se os pescadores estivessem à espera de que os armadores verificassem a sua indústria em condições de comportar a sua melhoria de situação, certamente ainda trabalhariam nas mesmas condições de há dez ou quinze anos. Não podem comportar novos encargos, todavia, constantemente se verifica tomarem novos compromissos, que cada vez os destacam mais da sua proveniência originária. Ouvindo-os falar, julga-se que têm arruinado a sua fortuna na indústria que exploram e os grandes são os prejuízos que enumeram, mas pode verificar quem os conhece de perto, que dão ainda bem claros indícios de que as fortunas, actualmente dispendidas por eles — têm ainda bem pouco tempo.

Quem os elevou àquela situação da qual hoje usam? O trabalho dos pescadores, sempre insuficientemente remunerado. Como chegaram até aquele ponto? A maioria, por maior audácia na exploração de tudo e de todos, uma grande parte por maior falta de escrúpulos. Nenhum chegou até ali por mais competência, pois na sua grande parte são analfabetos. Têm mais dinheiro, têm mais poder. Tal é a sua psicologia; tais são os seus pontos de vista.

As coisas não correm tão bem com desejam; a pesca foi fraca? Fazem mais algumas partes na percentagem, que arrecadam no seu bolso e isso os recompensará. Quando não basta, as despesas metidas em conta elevadas ao máximo, são um valioso auxiliar. Se ainda não ficam satisfeitos nos seus desejos sempre em aumento, o peso completará a maquiagem. Os pescadores reclamam? Se os incomodam muito desarmam, encalham as embarcações, pois apesar de todos os prejuízos que dizem sofrer constantemente, sabem que têm com que viver. Submete-te pescador; submete-te se queres ter onde empregar a tua actividade! Se incomodas muito os teus exploradores, alguns dos quais ainda ontem ombreavam contigo e faziam cõro nas tuas amargas queixas, não terás trabalho. Que importa que sofras e te definhas numa miséria crua? Tudo isso é necessário para que a indústria dos armadores se subverta. Assim compreendem eles a tua situação de produtor. Assim tratam os armadores aqueles que se tornam indispensáveis à manutenção da sua riqueza, que, de tam recente, cheira ainda a sangue. Bem sabem eles como se haverão quando, fartos de sofrer reclamações pela força o que não cedem pela razão. Nem se importam em saber. Procuram apenas tirar todo o proveito possível duma situação que lhes é inteiramente favorável.

Para eles, o momento presente é tudo. Se amanhã forem obrigados a ceder, cederão. De contrário os seus argumentos terão sempre actualidade. Ontem como hoje; amanhã como sempre.

Assim compreendem os armadores o estímulo. Assim o compreendem e assim o praticam.

José Francisco

EDIFICAÇÃO SOCIALISTA NA RÚSSIA

COMO FALA UM EX-COMUNISTA DA U. R. S. S.

Sebastião Faure apresenta Panait Istrati na sua verdadeira personalidade de Revolucionário, referindo-se aos seus critérios sobre as coisas da Rússia e à sua modificação ideológica

Panait Istrati tem sido um homem bastante discutido, depois que veio da Rússia e sobre esse país do Oriente escreveu de maneira a não agradar aos seus correligionários do ontem. Tem-se como base da sua discordância com as coisas da Rússia, o caso Russakof. Não sabemos se assim é. Istrati é um escritor de grande sensibilidade, vibrando ao mínimo contacto estranho à sua maneira de encarar as coisas ou de supor os acontecimentos.

Chegado ao campo literário, surpreendeu-o um mundo estranho e convulsionado. O ponto culminante desse mundo era a Rússia. Para ela dirigiu a sua atenção, entregando-se à admiração e ao entusiasmo até empreender a luta pela causa, no dizer dos propagandistas, em realização na Rússia. Mas o mesmo entusiasmo com que se entregou a essa causa, levou-o a dela se desligar por não encontrar ali o que a sua imaginação criara em consequência da propaganda desenvolvida na Europa.

Sobre Panait Istrati escreveu Sebastião Faure um curioso artigo. Vamos traduzir as passagens mais características:

«E' preciso que se diga, e é preciso que se saiba que, admiravelmente acolhido, recebido como um irmão na Rússia, Panait Istrati tinha, sem esperar mais, dado a sua aprovação e, creio que a sua adesão, ao partido comunista. Tinha-o feito em tais termos que a *Humanité* (18 de Maio de 1928), ao mesmo tempo que sua fotografia, publicava um artigo intitulado: «Panait Istrati é dos nossos». Henri Barbusse, o autor desse artigo, apresentava Istrati desta maneira:

«Panait Istrati, o indomável artista, o jovem irmão literário de Gorki, o errante, cujos pés de vagabundo, e às vezes de mendigo, percorreram o velho mundo; cujas mãos de estivador, de operário, de camponês aprenderam, de trabalho em trabalho, a modelar a vida das multidões de baixo; o autor magnífico das «Haiducs», de «Cadina» e de tantos outros livros que caíram na literatura burguesa como aerolitos — Panait Istrati, é, verdadeiramente dos nossos?»

E Barbusse respondia: «Sim. Sempre assim pensamos».

Barbusse tinha, então, o direito de se expressar assim, porque o seu artigo seguiu-se à publicação de uma espécie de profissão de fé

que Istrati, mesmo, chamava testamento.

Nesse documento Panait Istrati afirmava:

«Não procuro fazer fortuna. Todas as fortunas me repugnam. Declaro a minha obra inteira, a que se vê hoje e a que se verá amanhã, propriedade exclusiva do partido comunista russo, enquanto que seja o que é hoje, isto é, enquanto que dirija os destinos da U. R. S. S., sob o controle da massa proletária».

A Istrati foi preciso mais dum ano para dar-se conta de que se tinha enganado ou, mais exactamente, de que se tinha deixado enganar pelo cenário dos cenógrafos duma Rússia, hábilmente desfigurada.

O que precede, porém, mostra até que ponto, ao começo, se havia deixado entusiasmar. O seu testemunho de hoje tem, por isso, mais valor.

* * *

Vejam os que ele, agora, afirma:

«Depois de me ter calado durante um ano, não estou aqui para silenciar a minha rebeldia. Olhos que não esquecerei nunca, vozes que são, todavia, no meu coração,

deixaram sobre os meus ombros cargas que pesam imenso e não posso sustentar. Vejo surgir no papel a imagem desses homens pálidos, esqueléticos, de olhares de loucos, vacilando de cólera tanto como de privações, que me dizem: «Do modo como os nossos «Pravda» falem de ti, saberemos se, no estrangeiro, mantens a tua palavra ou se não és mais que um patife».

Esses homens não eram brancos. Eram emigrados políticos, esses *politico-emigrant* perseguidos pelo fascismo, que, ao desamparo, se contam por milhares na União, onde os piores canalhas vivem confortavelmente na *Lux*, porque estão «na linha».

E mais adiante: «As fábricas baseiam-se no *Pravda*; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que li há 20 anos nas *Bases do Socialismo* ou no *Programa de Erfurt* de Kautsky».

E' esse regime o que se quer estender a toda a terra?

Mussolini chegou a ele com mais franqueza e sem ofender a classe operária, não mentindo como fa-

zemos os comunistas, afirmamos que é ela quem edifica o regime. Mussolini tem, ao menos, o valor de aceitar os seus crimes. Para amadurecer a Itália, para a tornar aprazível como um cemitério, não teve necessidade de fabricar resoluções operárias e declarações de assembleias de fábrica. Disse: «Eu sou quem pode e não a massa; eu sou quem manda e não o proletariado». Assim, o prestígio e a honestidade do proletariado ficam intactas.

Praga burocrática! Não fales mais em nome do proletariado. Governa, oprime, mata; mas cala-te!»

Compreendendo a gravidade das acusações que faz aos governantes actuais da U. R. S. S., Istrati prossegue:

«Tenho consciência do que faço aqui. Sei qual é o alcance das minhas palavras. Podem acusar-me de tudo, salvo da levandade e de desonestidade, porque espero mais de um ano para escrever estas páginas. E é só depois de me ter submergido no fundo do abismo soviético, que as publico».

Saio da Rússia mais pobre que no tempo em que eu mesmo era um desses operários a quem se rouba tudo em todos os regimes. Explorar os homens, fazê-los viver de um bocado de pão, tirando-lhes, até, o direito de protestar; depois fusilar o que gritou, em certo dia, mais forte que o costume — isso não existe sobre nenhuma parte da terra».

Alí fica o que proclama ante o pensamento mundial e para esclarecimento do operariado de todos os países, a que se engana odiosamente, esse Panait Istrati de quem Barbusse fez um elogio pomposo, como se viu mais acima, e de quem, ontem, o partido comunista exaltava o passado heroico e o magnífico talento.

Ele podia deixar-se seduzir, um instante, pelas aparências; desfraldar de bandeiras, Internacional escutada de pé, alto-falantes, portos, desfiles, espécies de farol deslumbrantes para os quais são irresistivelmente atraídas todas as pobres e estúpidas mariposas a quem a luz fascina. Podia deixar-se enganar pelas mistificações, pelos milagres, espécie de emboscadas em que caem, fatalmente, os peregrinos que se passeiam em Moscovo durante quinze dias ou um mês.

Porém Istrati esteve na Rússia desoito meses. Percorreu o país, (Continua na 8.ª página)

O trabalho em várias épocas

A conspiração de Cinado

11

«Aqui estão aliados!»

Cinado tinha já alguns amigos seguros, decididos como ele, e tratou de arranjar mais. Aí vai como ele procedeu com o seu amigo Hípias, em quem adivinhava, cuidadosamente dissimulados, ódio e descontentamento.

Certa manhã, vindo-o encominhar-se para a praça pública, seguiu-o de longe e chegou ali, à medida dos seus desejos, no momento em que lá se encontravam, para deliberar, os éforos, os senadores e um dos dois reis. Confundido com a turba dos espectadores, abeirou-se de Hípias e pôs-se a conversar com ele como por acaso. Enquanto cavacava, foi-o apartando dos pequenos grupos e, chegados à extremidade da praça, disse-lhe de repente:

«Ora conta-me lá: os espartanos que estão aqui na praça, são para ver quantos são, Hípias contou».

«O rei, os éforos, os senadores, mais aqueles... eu cá conto quarenta e dois... Mas porque diabo queres tu que eu os conte, ó Cinado?»

«Essa gente, Hípias, redarguiu o audacioso, deves tê-la por inimiga, ao passo que esta multidão que vês espalhada por toda a praça, estes inferiores, estes perigosos, estes ilotas, mais de quatro mil homens, são todos aliados para nós. Todos estão descontentes como nós».

Naquele instante, nada mais acrescentou; mas percebeu perfeitamente, pela cara, que Hípias estava como ele cheio de surda cólera, prestes a estalar. Porisso, voltando com ele pelas ruas, empunhou-se em e encorajar outra vez, mostrando-lhe o pequeno número dos cidadãos e o grande número dos oprimidos.

«Alí vai um inimigo, repetia ele de cada vez que cruzavam com um cidadão. Bem vês como são raros. Olha agora toda essa multidão de aliados que circula e que é «nossa»».

Depois, pretextando um passeio, levou o amigo para o campo, percorrendo com ele vários domínios. E ali lhe apontou com o dedo os ilotas no trabalho, curvados para a terra, repetindo sempre: «Aliados! mais aliados!» em cada uma das propriedades há só um amo, um só inimigo, ao passo que os nossos amigos são aos centos, aos milhares!»

E quando viu o seu neófito já meio convencido, mais confiado no número, mais ousado já, levou-o para pequenos centros de amigos.

«Aqui estão armas»

Alí viu Hípias como eram entusiastas os conjurados, quando os animava contra os espartanos, contra os inimigos: «Ah! que se nós pudessemos comê-los vivos!» tal era a exclamação que ele ouvia a cada passo, tamanhas eram as cóleras.

Mas em breve se reapossou-dê-lo o temor. «Os amos são fortes, dizia ele; os amos estão habituados à guerra. Como havemos nós de lutar contra eles? Temos armas? Onde estão elas?»

«Armas, temos, sim, respondeu-lhe Cinado. Mas, se queres, vem amanhã ao mercado de ferro, e eu te mostrarei muitas mais».

No dia seguinte, lá estava Hípias no lugar combinado. Por entre a multidão compacta dos compradores que se acotovelavam em volta das pequenas lojas da praça, levou-o Cinado de mostrador em mostrador. Indicou-lhe sucessivamente as espadas, os dardos, os machados, as foices, as enxadas, todos os instrumentos que servem para trabalhar a terra, todos os que se destinam a rachar ou cortar madeira, todos os que se aplicam no corte ou alisamento da pedra.

«Armas, quem quer as tem, repetia-lhe ele baixinho. Basta que cada um saiba empregar bem a ferramenta do seu ofício. Verás».

Hípias deixou-se assim alistar nas fileiras dos conspiradores. E ao seu lado achou ele muita gente, muitos ilotas, tímidos e trêmulos, muitos perigosos ambiciosos, a quem o astucioso Cinado conseguiu insuflar coragem.

A vasta conspiração minava Esparta. Os cidadãos desconfiavam vagamente de que

se tramava alguma coisa, e os adivinhos, muito escutados na Grécia antiga, anunciavam acontecimentos funestos.

Fracasso da conspiração

Sucedeu então o que a tantas conspirações tem sucedido: um dos conjurados adormeceu-se e denunciou aos éforos tudo o que Cinado meditava e preparava. Entre os senhores de Esparta houve um momento de terror, mas depressa tomaram uma decisão, os duros e orgulhosos dominadores. Era preciso deitar a mão ao chefe; era preciso forçá-lo designar os seus amigos, antes que estes tivessem sequer tempo de fugir.

Cinado fora amido encarregado de pequenas missões. Os éforos fingiram confiar-lhe mais uma, o que o não surpreendeu. Incumbiram-no de ir a Aulon, pequena cidade vizinha, para de lá trazer alguns habitantes, a quem diziam descontentes e que convinha vigiar.

Levará comigo, disse-lhe o enviado dos éforos, os mancebos que te indicam o decano dos hipágitas.

Hipágitas eram chamados os três magistrados incumbidos de dirigir os exercícios militares dos jovens soldados de Esparta, cidadãos ou inferiores.

Os mancebos designados tinham sido bem escolhidos. Levavam também a sua missão. Deviam também trazer para a cidade o mais perigoso dos descontentes.

Ao enoitecer, pôs-se o pequeno tróço a caminho pelo vale do Eurotas. Eram sete. Atrás seguiam três carros, para trazer, como se tinha dito, os presos.

Cinado, descuidado, contemplava o cam-

(Continua na 6.ª página)

MAIS UMA CARTA

Resposta a apreciações sem nexos e sem causa

Respondemos nas nossas colunas a uma carta que nos foi enviada por um cavalheiro, que muito bem conhecemos pelas suas atitudes que pretendem tornar popular um homem e uma intenção... como popular se tornou Pinheiro Maluco e a sua intenção de regenerar os homens, apostrofando-os.

Este que nos escreve não tem ao menos a coragem do conhecido Pinheiro. Este mostra-se e chama «Bandido», frente a frente, a sujeitos engratados; aquele esconde-se por detrás dum pseudónimo.

Não temos tempo para perder, aturando as manueiras do pretendido Cavalcanti. As nossas opiniões e atitudes quanto aos bolchevistas estão determinadas por uma análise cuidadosa e constante aos acontecimentos e às ideias. Não navegamos na correnteza daquelas que se imbecilizam perante algo que tem o brilho duma pedra preciosa e é vidro.

Presamos muito a nossa condição de trabalhadores; desejáramos que ela, o mais rapidamente possível, fosse a única determinante social. E, por isso, lutamos por atenuar certas saliências molestas, enquanto, de todo, as não suprimimos. O que se passa na Rússia é a confirmação das nossas ideias: não é possível a emancipação sob a égide do estado. Este só serve para matar os intentos renovadores que os ideólogos e as multidões por eles influenciados, visam.

Confirmou-o a Revolução Francesa: confirmou-o, mais recentemente, a Revolução Russa.

E para outra vez, caro Cavalcanti, não desperdice assim o tempo. Deixe-se de recortar os jornais, com tanto cuidado, para nos esmagar.

O seu forte poder de insinuação bastava para nos convencer da nossa falta de honestidade e de pudor... Se lhes fugiram toda para os nossos antagonistas! Que fazer Santo Lenín!

Ler e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

DESMASCARANDO TARTUFOS

Uma carta de Vila Real de S. Antonio

Ainda acerca dos recentes maneios dum intruso politicamente no movimento operário de Vila Real de S. Antonio, — indivíduo que nem sindicado é, visto ser estranho à classe trabalhadora, — recebemos uma nova carta desfazendo várias historietas por aquele architectadas, e trazidas indecorosamente à luz da publicidade.

Assim escrevem-nos dali:

A *Batalha* de 14 de Novembro foi aqui muito procurada, se mais houvesse, mais se tinha vendido, visto que toda a gente estava ansiosa por saber, o que dizia de Vila Real de S. Antonio.

Na noite de domingo andou o estudante Cabrita com os rapazes inexperientes na organização operária à minha procura, para vir disputar comigo, o que a *Batalha* dizia, visto que só podia ser discutido a sôco conforme ele afirmou, tanto na minha frente, como na frente de quem calhasse. E por aqui podem ver a moral do estudante.

No dia 21 de Novembro chegou às minhas mãos o n.º 40 do *Proletário*, onde insere um relato da sessão realizada em Vila Real. É uma coisa extravagante, desarticulada e sem decoro feita pelo Cabrita, que se assina Franco, trocando o nome de Vila Real de S. Antonio por Lisboa.

Nesse relato diz ele «que há aproximadamente dois meses o camarada Cabrita falando com Augusto Branco, operário conservador, lhe alvitrou a fundação dum sindicato nesta localidade. O camarada Branco de principio opôs grandes dificuldades, mas acabou por ceder, começando então ambos a trabalhar na realização deste projecto».

Todos os intrujões dos trabalhadores fazem, conforme diz o Cabrita, para iludir os operários, depois d se servirem deles para fins políticos.

Eu e mais dois ou três rapazes, nos principios de Julho, resolvemos começar a dar andamento aos trabalhos, para ver, se podia levar à prática a constituição dum Sindicato, aonde se pudessem agregar todos os trabalhadores de terra e mar de Vila Real, mas de pronto não se pôde dar andamento a esse trabalho, só se vindo a realizar uma reunião em 5 de Setembro.

Como a comissão tinha que convidar alguém para vir realizar uma palestra sobre a necessidade de associação, e já não havia tempo de convidar um delegado da Comissão Inter-Federal, eu, numa noite, encontrei-me com o Cabrita, e perguntei-lhe, se poderia realizar uma pequena palestra sobre a necessidade de associação, o que ele aceitou, dizendo estar à minha disposição.

Agora diz no *Proletário* que foi ele quem alvitrou a fundação dum Sindicato, em Vila Real de S. Antonio.

Ele deve estar certo que eu quando lhe pedi que confeccionasse os estatutos, também lhe disse que se viessem os de Lisboa, seriam apresentados para serem aprovados, os que melhor servissem os fins da associação, ao que ele respondeu que sim. Também se deve recordar que eu fiz algumas observações aos estatutos por ele feitos.

Logo de início no seu relato diz o Cabrita que eu declarei que só poderiam falar operários e conhecidos.

Isso é falso, visto que disse que só deviam falar operários na discussão dos estatutos por ser assunto que só a estes interessava discutir.

Quanto ao viva à Comissão Inter-Sindical, ninguém na sala o deu, mas ele pô-lo por sua conta.

Augusto Fernandes Branco

ESPERANTO

Resposta a uma carta

P. Que livros deve comprar um principiante?

R. Recomendo como primeiro livro *Primeiras Lições de Esperanto* de Th. Cart.

Nêle encontrará explicada a pronúncia e a gramática. Este livro contém também um pequeno vocabulário, que serve para a tradução da matéria contida nas dez lições.

Poderá comprar também uma *Chave de Esperanto* e um *Pequeno guia de conversação* de Tobias Leite. O primeiro servirá de dicionário Esperanto-Português e o segundo de dicionário Português-Esperanto.

Se deseja aprender em curso por classe dirija-se à Liga dos Esperantistas Ocidentais, R. do Bocage n.º 9.

UM DOCUMENTO

RESULTADO DUM INQUERITO, FEITO A UM MILITANTE

O documento lido por M. J. de Sousa no seu sindicato

A defesa dum acusado

No número anterior terminamos a publicação do relatório e dos depoimentos relativos aos actos de M. J. de Sousa na C. G. T. Hoje devemos acrescentar que, sendo esses documentos apresentados ao respectivo Sindicato, novas acusações foram feitas àquele nosso camarada, numa sanha de perseguição feroz, que não tem igual nos annos históricos da vida proletariana portuguesa.

Ao publicarmos os documentos acima referidos, nós quizemos ilucidar toda a gente. Mas essa ilucidação ficaria incompleta e daria margem a novas suspeitas, se não tornássemos igualmente pública a exposição no seu sindicato apresentada, pelo camarada M. J. de Sousa.

Nela constam todas as demais acusações e as respectivas contestações.

Antes, porém, de iniciarmos a publicação do novo documento, cumpre-nos fazer umas rectificações: a primeira, consta do relatório da C. G. T., quando diz que a reunião dos espanhóis, em França, à qual assistiu M. J. de Sousa, em 1926, se efectuou dias antes da conferência da A. I. T. De facto essa reunião foi assim annunciada. A verdade, porém, é que, por motivos que não interessam agora, essa reunião efectuou-se dias depois; a segunda consta do depoimento do camarada Silvino Noronha, na parte referente ao consultório conseguido para o dr. P. Vallina receber os seus doentes. Esse consultório foi o do dr. Ramos Pinto, na rua do Mundo.

Exposição de factos—Pela verdade contra a calúnia

Por consideração para com a classe dos manufacturadores de calçado e da sua associação, da qual faço parte, eu aceitei no seu seio a discussão de factos a que a mesma directamente é estranha.

Aceitando aqui esta discussão, eu quiz demonstrar que, aqui como em toda a parte, posso de frente erguida e sem o menor receio responder por todos os meus actos.

Poderia eximir-me a fazê-lo com inteira razão e dentro do direito que resulta da circunstância de os factos que servem de base às acusações que me fazem não se terem passado dentro do sindicato, à excepção dum que o mesmo em devido tempo arrumou.

Com effeito, onde se produziram esses factos? Na C. G. T. Logo era na C. G. T. que eu deveria ter respondido por eles. Nesse organismo estavam os militantes que foram meus autores ou que nos mesmos intervieram. As circunstâncias em que esses factos se houvessem produzido, só eles as conheciam. Ali estava toda a documentação, todos os elementos de análise. Só lá, portanto, é que qualquer acusação poderia ser feita, se para tanto tivesse havido motivos.

Afastado voluntariamente dos cargos que exerci naquele organismo e tendo requerido, oportunamente, a nomeação duma comissão de militantes estranhos à C. G. T. a fim de a mesma proceder a uma análise rigorosa aos recibos de todas as delegações deste organismo desde a sua fundação, só depois disso me afastei. A nossa Federação de Indústria reforçou aquela proposta, tornando esta pública em 19 de Agosto de 1929 em A *Batalha*.

Parece que estava naturalmente indicado que todas as acusações deveriam cessar, posto que as bases de novas acusações só deveriam existir na eventualidade—em minha consciência negativa—de nos meus recibos se encontrarem despesas não justificadas no estritamente necessário ao exercício dessas missões, dentro ou fora de Lisboa.

Retirado da C. G. T., se novas acusações surgissem quem deveria pronunciar-se sobre a veracidade das mesmas? Deveriam ser, creio, os próprios militantes. Mas eu quero dar de barato que nem todos os militantes merecessem confiança aos meus detractores. Nesse caso restaria um meio: a nomeação duma comissão mixta, composta por dois militantes da absoluta confiança dos acusadores, dois outros por parte dos acusados e os quatro elementos reunidos em comum escolheriam um quinto militante, estranho às duas partes, como árbitro ou desempate. Esta comissão analisaria o fundamen-

to das acusações e alegações dos interessados, deliberaria livre e conscientemente e no final daria o seu parecer imparcial.

Mas os acusadores não procederam dum modo nem doutro. Os acusadores quizeram apenas fazer especulação. Não tendo em conta a dignidade própria de homens de carácter, de pundonor e de honra, elles preferiram acusar sem provas, scientes de que da calúnia sempre fica alguma coisa, e o seu fim desmoralizador só dêste modo seria conseguido.

E quem têm arranjado, para avaliar da justiça das suas acusações infamantes? A organização? Os seus militantes? Não! Perante estes não poderiam desenvolver o trabalho de sapa que lhes garantisse a impunidade; perante estes não valiam as baixas intrigas, o trabalho da maledicência, apaixonado, feroz, odioso e odioso que se permitiram ter junto de camaradas da indústria de calçado, em absoluto alheios à vida confederal, camaradas ingénuos, ignorantes das coisas sociais, muitos alheios à vida do seu próprio sindicato, onde não comparecem, mesmo quando se trata de estudar ou deliberar sobre as suas próprias regalias a conquistar ou defender; camaradas, que, por isto, se desinteressam, mas que são propensos a acreditar nas piores acusações feitas aos militantes e que nunca curam nem podem curar se o fundamento dessas acusações têm uma base justa e verdadeira.

A ignorância é a mãe da desconfiança. E os meus acusadores exploram estes dois defeitos e é com eles que querem tirar partido. Para os meus detractores não é preciso recorrer a quem conheça as questões. O que precisam, para satisfazer o seu baixo desejo de vingança, aliado ao interesse politico de alguns (os outros são apenas instrumentos conscientes ou inconscientes destes) o que precisam, repito, é de número, de gente que acredite na grande infâmia e que vote segundo o seu desejo.

Isto é o que tenho observado nas sessões anteriores, além de saber que reuniões privadas tem havido onde se tem cultivado apenas a maldade e a calúnia, abusando-se assim da boa fé e credulidade fácil das camaradas convidadas. Os meus detractores não têm chamado esses camaradas para lhes indicar o elevado espirito de justiça que é necessário presidir no cérebro daqueles que são chamados a julgar com consciência, com verdade e com razão; não, os meus acusadores tem um fim reservado: correr comigo e com todos os que de algum modo podem prejudicar as suas intenções politicas de absorver o sindicato. Para alcançarem este fim todos os meios são bons.

* * *

Por escrito, porque quero que este documento fique arquivado no sindicato para quando se fizer a história se poder julgar com a justiça que agora se pretende empanhar, eu vou resumir o que já disse e expuz e terminar, por mim, com esta fastidiosa e vergonhosíssima questão.

Para me difamarem, os meus acusadores andaram em busca de factos passados, há bastantes annos. Para repór a verdade, eu, como acusado, necessito buscar a genese de toda esta baixa campanha. Mas não me prolongarei. Fa-lo-ei esquematicamente, reportando-me apenas a factos passados no sindicato, também já há alguns annos.

Quero referir-me à hora em que surgiram no seio do sindicato as primeiras manifestações de ordem politica. Até ao Congresso da Covilhã, na nossa associação não se verificou qualquer tendência politica. Mas, após aquele Congresso, quando os sindicatos operários portugueses eram chamados a pronunciar-se por uma das internacionais, surgiu essa luta, defendendo alguns dos seus componentes a adesão do nosso à I. S. V. enfilemada à I. C., ao serviço da U. R. S. S. Já então os politicos andaram à cata de votos para influírem com o seu peso nas assembleias.

Mais tarde surge um convite para o nosso sindicato aderir ao S. V. I., outra das conhecidas células daquela internacional politica. A assembleia que dêste convite se occupou rejeitou a adesão. Surge, depois, novo convite e uma nova assembleia rejeita essa ade-

são. Surge, depois, novo convite e uma nova assembleia rejeita essa adesão, pela segunda vez.

São bem conhecidas as minhas opiniões sindicalistas e anti-politicas. Partidário — para muitos demasiadamente rígido — da independência dos sindicatos em face de todos os partidos politicos, por considerar, como a velha A. I. T., que a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos mesmos trabalhadores, eu, como a maioria dos nossos militantes, defendi o critério da não adesão do nosso sindicato àquellas células politicas do comunismo governamental. Era coerente com os principios da acção do sindicalismo revolucionário, procedendo tal qual como no seio da organização geral e na *Batalha*, quando na mesma exerci interinamente o cargo de seu director.

Tal posição acarretou-me odios, alguns dos quais são dos que matam — odios que se criaram tanto fóra como dentro do sindicato. O mais ignorante, mas que tem pretensões, porque, pela sua ignorância, se sente impotente, é o que mais odio vota, em politica ao seu adversário. É o que sucede com o meu antigo detractor Alfredo Monteiro.

Mas entremos nos factos. Quando da Conferência inter-sindical de Lisboa, em 1924, onde foram votadas a C. S. T. e as J. S., o nosso sindicato fez-se representar por 5 delegados. Já no seu termo, aquela Conferência não possuía um documento que sintetizasse uma resolução final consubstanciando as aspirações colectivas dos organismos aderentes. Deliberou, pois, a nossa delegacia que eu perdesse um dia para elaborar um documento que correspondesse àquella necessidade, depois do que, a mesma Conferência deliberava nomear uma comissão composta de delegados que houvessem apresentado documentos e dos que os tinham ainda para apresentar, a fim de eu da mesma fazer parte.

NA ANTIGUIDADE

O trabalho em várias épocas

(Continuação da página central)

po; sempre preocupado com o seu projecto julgava ver surgir já de todos os cantos a multidão revoltada e ardente; feliz e confiado, sonhava com a tentativa próxima, com a vida nova dada a Esparta, quando de súbito, como que a um sinal, todos os seus companheiros, saltando um grito, se precipitaram sobre ele, o amarraram, o arrastaram para fora do caminho.

Compreendeu logo. Nem os seus protestos, nem as suas súplicas, nem ainda os seus apelos à revolta puderam convencer os rapazes. Então, sentindo-se perdido, confesso, disse o nome dos seus cúmplices do adivinho Tisamenes e dos mais salientes, nomes que um cavaleiro, a todo o galope, foi transmitir aos éforos. Antes do pôr do sol, estavam os conspiradores todos presos, e nessa noite os «cidadãos» dormiram mais sossegadamente.

No dia seguinte, ao romper de alva, trouxeram Cinado para a cidade. Interrogado, apertado pelos éforos, repetiu a confissão.

—Mas que fim tinhas tu em vista? perguntou o decano dos magistrados. Que querias tu?

—O que eu queria, respondeu ele, era não ser inferior a ninguém.

Ataram-lhe então as mãos, enfiaram-lhe o pescoço num instrumento de madeira, chibataram-no, picaram-no com agulhões, a ele e a todos os da conjura, passearam-nos assim pela cidade e acabaram por matá-los.

Desde então os inferiores, cheios de terror, não mais se mexeram. E assim foi que, por mais alguns annos, os cidadãos de Esparta asseguraram a sua dura dominação.

Reflexões.— Esta narrativa é também tirada de Xenofonte, discípulo de Sócrates (livro IV, cap. 3.º das «Helénicas», história grega). Quizemos opôr à democracia laboriosa de Atenas a jerarquia aristocrática de Esparta. A conjura de Cinado não é única. As revoltas repetiam-se, sobretudo quando diminuía muito o número dos cidadãos. A sociedade espartana, nesses momentos, só pelo terror se mantinha.

Alberto Thomas

DE BRAGA

Relembrando o passado

Muito teria que dizer da desorganização que vejo nesta cidade, se tivesse ocasião para isso. Farei no entanto, com que os meus camaradas leitores me compreendam, fazendo-lhes ver em que estado eu vim encontrar a Organização Sindical da velha cidade de Braga, e quais os factores que a levaram a este caso.

Devo dizer que, o comodismo e o desleixo, foram a causa principal desse facto. Mas também há a dar-se a culpa às tendências de alguns militantes, que em lugar de tratarem do bem colectivo, tratando das questões sindicais, amesquinham os contrários, procurando fazer prevalecer os seus princípios ideológicos, nascendo, portanto, daí o desleixo e a confusão.

Julgo que não podemos chamar sensatos aqueles que se degladiam. Isso, só dá motivo a que os nossos inimigos tomem conta de todos os nossos fracos, apoderando-se da nossa desarmónia, e fazendo assim prevalecer os seus objectivos.

Não virá um dia uma rajada de bom senso em que se quebrem as malquerenças e deixem de se maldizerem, trabalhando todos para um fim único, em proveito do operariado?

E lamentável o que vi e tenho visto nesta cidade. A desarmónia é tal, que trazendo à luz a nossa organização de outrora, em que impunhamos respeito ao patronato, fazendo sempre prevalecer os nossos direitos, lamentando as nossas descalabros actuais...

Haja senso... e bom pensar, porque o tempo vão e quando formos a arripiar caminho, será tarde!

Deixem-se de ideologias. Pense-se, sim, com afinho, no bem estar do operariado, mas todos em comum.

Portanto, camaradas, torna-se muito necessário que todos se concentrem mas sem a ilusão das tendências, para que a organização operária nesta cidade se torne um facto concreto, e se pense mais uma vez na reorganização da U. S. O. que, com a sua falta, tem ocasionado muitos prejuízos à organização local.

Manuel Fernandes
(Militante operário)

N. da R. — O autor demonstra inequivocamente um desejo sincero de se produzir alguma coisa ao seio da organização operária bracarense. Está certo. O que não está certo é quando preconiza o princípio de se colocar de lado a ideologia. Se quer referir-se à ideologia consagrada num programa de partido político, também está certo. Este facto é que trás a divisão e o ódio entre os operários. São estes programas que devem ser postos à margem por eles.

Mas os operários, para serem concientes, devem ter uma ideologia — aquela que conduz ao reinado da igualdade, da liberdade e da justiça.

A BATALHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

CONTINENTE e ILHAS:

Série de 10 números..... 3\$00

ÁFRICA:

Série de 20 números..... 8\$00

ESTRANGEIRO:

Série de 20 números..... 11\$00

Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser enviada para o APARTADO n.º 329.

LISBOA

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A BATALHA»

LHA.

UM MANIFESTO

Uma manobra da Moagem. Que pretenderá ela?

A moagem tem sido objecto de preocupações constantes por parte do povo que, de vez em quando, vê ameaçada a sua vida e a sua bolsa com as manigâncias da celebríssima moagem.

As suas manobras não cessam e encaminham-se sempre no sentido de maiores serem os seus lucros, mais vastos os seus domínios. Sobre nova manobra, que se vem esboçando, tomando corpo com lentidão, a Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Farinhas do Norte de Portugal editou um manifesto que trás o título: «O que pretende a Moagem?»

Dêle respigamos as passagens que se seguem e que bem elucidam das manobras a que nos referimos:

E, seguindo esta orientação, há muito que ela vem fazendo todos os esforços para dar ainda mais um terrível golpe, dilacerando a organização de um formidável trust, para o qual entrem todas as fábricas de moagem, parte das quais, até agora, se têm conservado independentes.

Para esse fim tem ela feito várias «démarches» junto das respectivas empresas.

Mas, como até hoje, estas se tem recusado terminantemente a serem devoradas em benefício do seu poderoso ventre, procura ela então conseguir, segundo nos consta, pelas vias legais, o encerramento das fábricas independentes, constituindo o Trust Nacional da Moagem, única entidade produtora e fornecedora de farinhas em todo o país e como tal, senhora absoluta do mercado, dispondo assim dos destinos de toda a população, sobre a qual faria pesar ainda mais o forte látigo das suas desmesuradas rapinações e estabelecer de tal forma o seu poderio na balança da Indústria, do Comércio e do próprio Estado que tornasse numa realidade aquela frase há muito consagrada de que «a Moagem constituía um estado dentro do próprio Estado».

E de facto, não podemos negar que a Grande Moagem, à frente da qual se encontra a Sociedade Moinhos Reunidos, Ltd., representa uma força potente e invencível a qual chega, por vezes, a não respeitar sequer as determinações dos Poderes constituídos, como se verifica ainda actualmente com a lei que estabelece o tipo único, lei que é absolutamente sofismada pela introdução no mercado das farinhas melhoradas, verdadeira fraude praticada contra a actual legislação sobre o regime de farinhas, fraude que reverte em prejuízo do tipo único por a este ser roubada a farinha flôr que lhe é própria.

Então a introdução de 5% de centeio nacional nas farinhas, não foi também um alto negócio para a Moagem?...

Quantos milhares ou milhões de quilos de centeio exótico não se importaram e consumiram, adicionado à farinha numa percentagem muito mais elevada que o previsto na legislação que autorizou tal concessão?

Oh! Como seria longa a descrição de todos os negócios, arranjos e cambalachos da Moagem!

O que se passa com os actuais cartéis da indústria de moagem, muito especialmente «Sociedade de Moinhos Reunidos, Ltd.» é exemplo suficiente para pôr de sobre-aviso os actuais dirigentes do país sobre os propósitos da Moagem.

Não bastando explorar apenas o povo, esta companhia lança na miséria os seus operários, o maior número do qual, só trabalha uma parte do ano em face da concessão feita a essa companhia para moer o trigo num reduzido número de fábricas.

Se, se verifica, portanto uma tão grande imoralidade por parte da Moagem num regime de relativa liberdade de concorrência, que se pode esperar, se ela conseguir o Trust Nacional da Indústria Moageira?

Os trechos do manifesto a que aludimos, acabados de ler, revelam bem as manobras que a moagem anda fazendo para vencer mais uma vez, obstáculos. Com as bases para nova indústria que apresentou, o que terá em vista?

Aguardamos os acontecimentos, não sem aconselhar ao operariado que se acatele, preparando-se para fazer face às novas especulações, evitando-as se possível for.

NA COVA DA PIEDADE

Operários vítimas da sua indiferença e comodismo

É verdadeiramente deplorável, e bastante deprimente para o operariado local, o facto de a organização sindical da Cova da Piedade, se encontrar num verdadeiro estado de decadência, do qual os maiores culpados são os trabalhadores por terem votado a um completo abandono os seus sindicatos profissionais. É espantoso que numa época de crise, como a que presentemente se atravessa na Cova da Piedade, os operários ainda não tenham compreendido que só dos seus esforços conseguirão algo que amenize um pouco o cruciente sofrimento que os atormenta e lhes abrevia a existência.

Não é com a sua manifesta indiferença pelos sindicatos, que os operários conseguirão eximir-se ao penoso calvário que ora lhes domina a existência. Os sindicatos são desprezados pelos produtores que só a eles acorrem quando em perigo iminente, ou quando estão em riscos de ser despedidos das oficinas em que trabalham.

E isto nem sempre sucede!

De contrário convocam-se reuniões e reuniões para tratar de assuntos mais importantes e decisivos e nunca se logra obter uma frequência animadora.

Os que se encontram colocados nunca pensam que podem, dum momento para o outro, vê-se reduzidos à miséria ocasionada pela crescente crise de trabalho que nos domina, e muitas vezes nem os operários desempregados convergem para o seu sindicato que encaram com uma coisa inútil.

Deste triste facto se aproveitam os industriais que não cessam de tripudiar e sobre os infelizes operários que têm a desdita de lhes cair sob as adeganhas garras.

Estes senhores não hesitam, ao mais fútil pretexto, em lançar na miséria chefes de família que por mero acaso lhes tenham caído em desagrado. Isso aconteceu nas obras do novo arsenal no Alfeite, pertencentes a uma companhia alemã. Foram despedidos muitos pedreiros e serventes sem motivo justificado.

São actualmente os «amos e senhores» disto.

Riem, ainda por cima, da acção dos sindicatos operários que, quando bem organizados os mantinham em respeito. Hoje os seus filiados correm pressurosos — embora pareça paradoxal — na sua grande maioria, aos divertimentos que os exploradores lhes proporcionam com o fim, em parte conseguido, de os desviarem das lides sindicais.

E para completar esta triste exposição, vemos quasi inertes os dirigentes dos nossos principais organismos à excepção duma pequena minoria que, por desajudada, não consegue fazer coisa alguma de geito.

É preciso mudar-se de rumo. Façamos todo o possível por nos desviarmos do caminho inglório em que rolamos e que fatalmente conduzirá a um profundo abismo, ao caso da completa desorganização sindical.

É preciso que se entre numa nova fase do movimento operário local, numa era de trabalho profícuo, que só será possível se todos os esforços forem conjugados adentro dos sindicatos operários, para que estes possam ter uma nova vida e bem assim uma acção mais ampla e eficaz.

Se houver vontade há muito que fazer. Temos bastantes sindicatos para reorganizar: Construção Civil, Metalúrgicos, Manipuladores de Farinhas, etc., etc.

Faça-se o possível por reorganizar estes sindicatos e quanto aos que ainda estão organizados é necessário que os seus componentes os fortaleçam, que os seus esforços se conjuguem adentro deles e que as suas melhores atenções para eles converjam, a fim de poderem produzir trabalhos dignos de nota.

António Gonçalves

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

DE BEJA

A casa dos trabalhadores

Reuniu-se esta classe em assembleia geral, para resolver a melhor forma de se levar a efeito a escritura da casa dos trabalhadores.

Depois de um membro da direcção, dar conta do que se passou numa reunião conjunta das direcções dos Sindicatos Rural, Construção Civil e Sapateiros. Usaram da palavra vários camaradas que se insurgiram contra a ideia de se fazer a escritura da Casa dos Trabalhadores em separado, pois que o fim em vista pela comissão pró Casa dos Trabalhadores, era que o prédio fosse pertença de todos organismos em comum, sendo por fim aprovada por unanimidade, a seguinte moção:

«Moção: Considerando que hoje mais do que nunca se vê a necessidade de se fazer a escritura da Casa dos Trabalhadores de Beja;

Considerando que tendo havido uma reunião das direcções das associações, Rural, Construção Civil e Sapateiros, em 3 de Novembro, e verificando-se que nessa reunião houve manifestações, de que a escritura da casa devia ser feita em separado.

A classe dos Sapateiros Bejenses reunida, em assembleia geral em 19 de Novembro, resolve:

1.º — Que a escritura da Casa dos Trabalhadores seja feita em comum, entre os três sindicatos proprietários do prédio, Rural, Construção Civil e Sapateiros.

2.º — Que esta moção baixe às assembleias gerais dos sindicatos Rural e Construção Civil, para ser apreciada e nomearem os respectivos delegados, que devem fazer parte da comissão que levará a efeito a escritura da Casa dos Trabalhadores.

DOS MOBILIÁRIOS

A situação crítica dos operários estofadores

Conforme li no número antecedente de A Batalha, numa entrevista por um militante da minha indústria, crise que estamos atravessando é grande. De facto assim é. Na minha especialidade, há bastante trabalho, ocasionando a crise os industriais, pois só pensam nos lucros, obrigando os seus operários a fazer empreitadas, impondo-as com arrogância e com o seguinte dilema: se queres fazer, faça; se não queres vá-se embora. Alguns operários, vem-se obrigados a aceitar para não morrerem de fome.

E enquanto uns têm a família em casa morrendo de fome, outros esquecem-se dos seus camaradas que se vêm abraçados com a miséria. Se existisse uma forte união da nossa especialidade dentro do nosso sindicato de indústria, evitar-se-ia que a exploração patronal se fizesse sentir tanto, deixando de se verificarem tão frequentes quadros de miséria.

Existe em Lisboa uma oficina que eu não posso deixar passar sem reparos. A exploração por meio de empreitadas é aí mais intensa. Refiro-me à casa José Oláio. Enquanto nas oficinas onde não existe tal regime de trabalho, um operário trabalhando oito horas levanta o seu salário integral, nessa casa, e noutras idênticas, chega-se ao fim da semana e vê-se uma escassa fêria nas mãos, que não recompensa o esforço que se fez.

Há outro assunto que eu quero focar e que o camarada entrevistado cita. É a fiscalização rigorosa no material a empregar nos móveis estofados e a proibição rigorosa da venda de estofos usados, porque são veículo transmissor dos bacilos da tuberculose, que, dia a dia, se desenvolve mais na nossa classe. Seria, ainda, necessário proibir os seguintes aviamentos: a palha da fábrica dos fósforos, aparas de madeira, o pelo do coelho que vende a fábrica de chapéus da rua da Metade, o emprêgo de linhagens sujas como as dos fardos de bacalhau e como empregar todo o desperdício que é aproveitado da limpeza da oficina. Tudo isto são factores do mal, tanto para o próprio estofado como para a saúde dos estofadores.

A quem interessa o desaparecimento de tais materiais? Ao patrão? Não? Este só tem a lucrar, pois que mais barato sai o móvel.

Para terminar, apelo para todos os operários estofadores, a fim de ingressarem no nosso sindicato de indústria para que todos, unidos como um só homem, estudem a melhor forma de terminar com estas anomalias que cito.

A. F.

(Sindicado n.º 172)

A BATALHA



DO PORTO

Na fábrica do Nogueira e nos Manipuladores de farinhas

Chegam-nos informes pouco satisfatórios do que se passa adentro deste feudo têxtil, já celebrizado por algumas arremetidas vexatórias contra os operários e operárias que nele exercem a sua actividade.

No próximo numero far-lhe-emos referência, visto aguardarmos informações mais detalhadas que nos habilitem a pronunciarmos com absoluto conhecimento do assunto.

* * *

Conforme viuha sendo exposto na Vanguarda está a classe dos Operários Manipuladores de Farinhas empenhada em destruir um frust poderoso, planeado pelos magnates da moagem.

Neste seutido tem realizado algumas boas sessões, sendo a última no passado domingo. Constituída a mesa, o presidente proferiu algumas palavras alusivas ao assunto em debate, dando em seguida a palavra ao representante da Delegação Confederal que fez interessantes considerações, lendo, em seguida, cópia dum documento enviado ao ministro da Agricultura, que obteve a aprovação unânime da assembleia.

Transmitiu, também à assembleia o resultado duma entrevista havida com o chefe de gabinete deste titular, que afirmou que antes de serem modificados os actuais diplomas ouviria primeiro os representantes da classe.

Segue-se-lhe o delegado da C. S. T. que faz também algumas considerações interessantes, demonstrando que a situação presente do proletariado assemelha-se a outras já passadas, salientando a necessidade imperiosa dos trabalhadores olharem, por fim, pela sua própria existência.

Seguem-se-lhes outros oradores, sendo resolvido por último manter a classe em sessão permanente, e realizar algumas sessões pelos locais onde a indústria está mais largamente representada, a principiar pela Senhora da Hora.

Foi, finalmente, apreciado o resultado satisfatório colhido pela distribuição dum manifesto ao público em geral.—C.

MARCO POSTAL

Fonte.—M. de Carvalho.—Estamos de acordo. Mande, então, as suas correspondências para o nosso jornal. Escreva dum só lado do papel e com espaços um branco bem largos.

Valadares.—J. M. da Silva.—Neste numero são publicadas indicações sobre a aprendizagem do esperanto. Parece-nos que nelas encontrará o que deseja.

Val de S. Tiago.—José Inácio Braz.—Recebemos a liquidação dos jornais e agradecemos. Sobre Vanguarda Operária, scientes e demos o devido destino ao dinheiro.

Fonte de Sor.—Adriano Pedro Ferreira.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 11.

Valadares.—J. Moreira da Silva.—O último n.º da Renovação é o 24.

Fafe.—Recebemos liquidação das assinaturas, do Sindicato da Construção Civil, António Rodrigues e Manuel Nogueira. Agradecemos.

Moncarapacho.—Estão liquidados até ao n.º 20, as assinaturas de José do Nascimento e José Pedro da Silva.

S. Martinho do Bispo.—João Gomes Jacinto. A sua assinatura ficou paga até ao n.º 10. Agradecemos.

Aveiro.—Alfredo David.—A sua assinatura ficou liquidada até ao n.º 10. Agradecemos.

Ciborro.—Francisco Manuel de Almeida.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 23. Agradecemos.

Cuca-Moreira de Conegos (Vizela).—Manuel Cândido Machado.—Recebemos a sua carta e estamos de acordo com as suas considerações. Os jornais ficaram pagos até n.º 10.

Funchal.—José Maria de Jesus.—Já atendemos a sua carta anterior, suspendendo a remessa de jornais.

VIDA SINDICAL

Camara Sindical do Trabalho.—Reuniu-se a Comissão Administrativa que resolveu vários assuntos pendentes e continuou no estudo de novas reclamações a formular.

Sindicato Metalúrgico de Lisboa.—No passado dia 24 do corrente, reuniu-se, em assembleia geral, este sindicato, com a seguinte ordem dos trabalhos: Tratar do Bolsim de Trabalho e resolver sobre a crise que atravessa a classe; nomeação duma Comissão Organizadora do Conselho Técnico; Delegacias ao Tribunal dos Arbitros Avindores e à Universidade Popular Portuguesa; Apreciar uma circular do Ministério do Interior e assuntos de interesse para a classe.

Lida a acta, foi aprovada, com uma rectificação de Q. Moreira sobre uma sua attitude.

Q. Moreira, de C. A. explica as causas que fazem funcionar o Bolsim irregularmente, combatendo o espirito egoista que se desenvolve contra o mesmo.

F. Quirino, pede que um camarada de-missionário da C. do Bolsim explique as suas razões.

Em seguida historiando o Bolsim, afirma que é devido ao facto de as requisições de pessoal se restringirem à construção naval, que o pessoal do «gancho» se voltou contra o Bolsim por irem para lá trabalhar camaradas doutros ramos terrestres. Depois d'outras considerações, F. Quirino torna a falar, insistindo para que no Bolsim estivessem desempregados que se alternariam quando empregados. Manifestam-se várias discordâncias pela sua impraticabilidade.

J. Esteves apresenta uma proposta para ser nomeada uma Comissão de Estudo do Bolsim, que terá que apresentar as suas remodelações, que ficou composta por J. Marques, F. Quirino e António Conrado.

Sobre o 2.º número da Ordem de Trabalhos, falam Q. Moreira que apresentou, em nome da C. A., a ideia duma C. Executiva, e A. Pires, J. Sousa e A. Reis que se referiram a umas nomeações anteriormente feitas.

Foi nomeada a Comissão com: Rogério Tavares, serralheiro civil; A. Reis, serralheiro mecânico; Emidio Santana, carpinteiro de moldes; Angelo Rocha, fundidor de metais; Manuel Pratas, serralheiro de automóveis e Manuel Valentim, electricista.

Sobre o 3.º número foram nomeados para delegados ao Tribunal dos Arbitros e à Universidade Popular Portuguesa, Raúl Pam-pulha e António Vicente, respectivamente.

Finalmente é lido o officio do M. Interior, sobre a nomeação de dois delegados do Sindicato para elaboração do «Estatuto Operário» e um officio da Federação dos Transportes, sobre o assunto, mas como chegasse à meia noite, foi encerrada a sessão, prosseguindo em dia a marcar pela C. A.

Reúne na próxima terça-feira 9 do corrente, pelas 20,30 horas, para prosseguimento da ordem dos trabalhos da assembleia suspensa em 24 do mês transacto.

Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil de Lisboa.—Secção dos Serventes.—A Secção Profissional dos Serventes, classe que outrora marcou dentro do Sindicato da Construção Civil uma das vanguardas em associados, encontra-se actualmente reduzida a pouco mais duma centena de sócios.

Esses poucos demitem-se dia a dia, não sabemos porque, se por ineficácia dos cobradores se por pensarem que esta secção os iludiu sobre a melhoria de situação económica que numa sessão magna lhes fizemos ver que iam tratar para a classe.

Camaradas, o nosso pedido formulado perante os mestres de obras está em andamento. Ainda na semana passada uma comissão representando todas as classes da Construção Civil se entrevistou com eles ficando resolvido que nos dariam a resposta para o mês que vem depois de darem a sua Assembleia Geral. Por isso, camaradas, não deixéis de ser sócios porque da nossa união dependem todas as conquistas.

Camaradas da Construção Civil: apelamos para a consciência de todos vós e em especial, dos serventes para que procurem associar o maior número de serventes possí-

Fala um ex-comunista

(Continuação da página central)

observou, interrogou, consultou, estudou nos próprios acontecimentos. E a fascinação do começo cedeu, pouco a pouco, ao desgosto, que expressa em termos reveladores da amargura profunda do homem a quem se mentiu e do sobressalto duma consciência ferozmente indignada».

* * *

As passagens do artigo de Fauré, elucidam bastante aqueles que duvidaram da sinceridade de Istrati, ao escrever sobre a Rússia. Mas não era preciso tanto para os que tenham um pouco de inteligência discriminadora e saibam ver no que se afirma a parte onde o exagero impera e onde a verdade se sobrepõe. Sobre a Rússia tem-se escripto muito. É natural a confusão que reina. E mais natural ainda, quando é certo que os exageros dos bolchevistas do Ocidente têm feito crer na existência dum paraíso na Rússia. Quando a verdade se afirma, quando alguém, mesmo sendo comunista—e há tantos—, proclama que isso é falso, que isso é enganar os trabalhadores, e diz a verdade sobre a U. R. S. S., todos duvidam. E duvidam porque? Porque é doloroso para os trabalhadores desprenderem-se desse bocado de sonho a que se tinham agarrado: «uma pátria onde os operários mandavam». E a descrença veio e venceu, desanimando, lutadores de ontem.

Por isso, temos como nociva essa propaganda falsa e criminosa que se faz, porque pretende amarrar os trabalhadores à crença absoluta no poder do estado bolchevista, último esteio dum velho mundo.

JAPÃO

Nova organização

Informam-nos dali a Constituição em bases federativas da União Geral dos Operários de Tóquio (Kanto Chiho Jppan Rodoska Kumiai) que vai publicar um mensário e edificar folhetos sobre o anarquismo.

A nova organização repudia, além do centralismo, a chamada política operária, advogando as tácticas da acção directa no terreno político e económico.

NA AUSTRIA

Algo do que ali se passa

Os socialistas cristãos chamaram ao poder dois chefes da Heimwehr,—organização fascista—tendo-lhes dado a pasta do interior e da justiça.

O ministro do interior, príncipe Starhemberg, já declarou que se conservará no poder, quer tenha ou não a aprovação do corpo eleitoral, e tem entregue os mais altos postos a pessoas da sua confiança.

Os funcionários da perfeitura da policia foram substituidos por elementos retintamente reaccionários, tendo sido também suspensa ilegalmente a comissão parlamentar do exercito.

ve 1 para assim não termos de presenciar o desaparecimento de tão laboriosa classe.

A Comissão Administrativa desta secção encontra-se todas as terças e sextas-feiras das 8 às 10 horas noite na sede provisória: Travessa da Agua da Flôr, 16-1.º andar.

SINDICATO dos Chauffeurs Profissionais do Sul de Portugal

Assembleia Geral CONVOCAÇÃO

Em conformidade com o N.º 1.º ds Art.º 24.º e em cumprimento do Art.º 71.º dos novos Estatutos, são convocados os sócios a reunir em Assembleia Geral ordinária no dia 16 do corrente, pelas 20 horas e 30 minutos com a seguinte:

Ordem de Trabalhos

- 1.º—Apresentação, discussão e votação do Relatório moral da Comissão administrativa;
- 2.º—Eleição da Mesa da Assembleia Geral, da Direcção, da Comissão Revisora de Contas, da Junta Consultiva e Técnica e de uma Comissão de Melhoramentos;
- 3.º—Nomeação de uma Comissão de Solidariedade;
- 4.º—Apreciação e resolução sobre o procedimento de um sócio incurso na alínea c) do Art.º 18.º;
- 5.º—Apresentação, discussão e votação dos Regulamentos do Conselho de Delegados e das Delegações provinciais.

No caso de não comparecerem 21 sócios como determina o Art.º 22.º dos Estatutos para a Assembleia poder funcionar legalmente, ficará a sessão adiada para o dia 20 do corrente, conforme preceitua o § único do mesmo Artigo, em que funcionará e deliberará com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1930.

Pela Comissão Administrativa

O Presidente interino

Walter d'Almeida Pinto

(Vice-Presidente)

Aos nossos assinantes no Estrangeiro e Colónias

Dadas as dificuldades de efectuar a cobrança, directamente, aos nossos estimáveis assinantes no «Estrangeiro e Colónias» apelamos para que aqueles amigos nos enviem a importância de suas assinaturas, cujo preço noutra local publicamos.

Esperamos que todos os amigos de «A Batalha» residentes no Estrangeiro e Colónias se apressem a liquidar os seus débitos.

A ADMINISTRAÇÃO

“Solidariedad Obrera”

O diário da C. N. T. de Espanha, Solidariedad Obrera, reiniciou a sua publicação, depois duma suspensão de pouco mais de um mês.

Recomendamos a sua leitura, podendo os camaradas de Lisboa, adquiri-la na tabacaria do Caté Itália.